

APRESENTAÇÃO

Algumas das questões, quiçá, mais candentes de nosso tempo giram em torno de um problema muito antigo, mas cada vez mais móvel: a verdade. Em 2021, em plena vigência de uma justaposição nefanda (pandemia de Covid-19 + governo Bolsonaro), Marcio Tavares d’Amaral, pensador que abre este número, ministrou, na pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, um curso intitulado “A tristeza da verdade”. A verdade, se está triste, está viva, mas, o que talvez seja especialmente perigoso politicamente, deixa de simplesmente se opor a noções mais ou menos tangíveis — ficção, mentira, falso — e cambaleia entre zonas cinzentas que, com efeito, a entristecem.

A zona cinza mais cinza que a verdade é forçada a atravessar é a da pós-verdade. Há quem diga que é a da *fake news*; talvez o seja, pois a *fake news* se traveste facilmente de verdade, em tempos de mundo digital e digitalizado — não fosse esse traço distintivo da atualidade, não estaríamos falando nisso, certamente. A *fake news* se alimenta da crescente dificuldade de muita gente em levantar a cabeça do celular, objeto, ao mesmo tempo, fetiche e oráculo. Lidar com a *fake news* é difícil, quase impossível, pois, ao medrar, ela provoca um mal muitas vezes sem retorno.

Mas o sítio mais triste ao qual a verdade foi deslocada é o da pós-verdade. A *fake news*, ao menos, pode ser contradita, ainda que, quando o é, costuma ser tarde demais. Mas, e a pós-verdade? A literatura sempre lidou com a verdade de maneira tensa, mas corajosa, entendendo um haver verdade, ainda que múltipla, ou discutível. A poesia é defenestrada da cidade ideal pelo Sócrates que falou por Platão porque, entre outras impropriedades, mistura gentes com divindades, monstros etc. Mas um eco fica do diálogo: a recorrente confissão socrática de amor à poesia, vinda precisamente daquele cujo precípua amor é dedicado à verdade.

Amor à poesia, amor à verdade. A literatura não ama uma verdade única e unívoca, por isso teve de se libertar dos ditames da Cidade ideal, fazendo-se *moderna* muito cedo. Mas, neste momento, quem faz literatura e quem escreve sobre, ou melhor, com a literatura, tem de lidar com uma casca de banana inaudita. Qual? À literatura sempre interessou a potência do irreal, pois é ele que cria mundos — a realidade, sabemos, não é o bastante, nem a da língua. Como, agora, manter o investimento no irreal evitando

escorregar num *fake* que é o contrário da ficção? É que o *fake* das *fake news* não cria mundos, apenas reduz, drasticamente, o que nos oprime por ser já diminuto. Além disso, como lidar, eticamente, com as infinitas zonas de possibilidades que se abrem à ficção sem resvalar numa verdade, não livre, mas triste, não discutível, mas *pós*?

O problema da pós-verdade, obviamente, se mostra já na construção do vocábulo. Pós indica tempo; pode indicar espaço, mas costumeiramente indica tempo. Um dos problemas da pós-verdade é pertencer a um tempo (histórico, o nosso) mas se espalhar por todos os tempos, futuros e pretéritos. Futuros: a partir de um momento, estamos na pós-verdade, o que significa que a verdade já não vige, pois ocupa um tempo *pré*; historicamente, portanto, não faz mais sentido ter a verdade como eixo de coisa alguma. Passados: se nosso tempo vive depois da verdade, podemos olhar para trás e bagunçar como quisermos os discursos, criando, para a história e as histórias (da literatura, da filosofia, das ciências, Deus meu, das ciências), verdades alternativas.

E a literatura de agora, como lida com esse fenômeno? Quando? Lida mesmo? E nossas leituras de obras de outros tempos, como o enfrentam? Evitam-no, contornam-no, chocam-se com ele? Essas perguntas são as que norteiam o dossiê “Literatura e pós-verdade”, desta **Abril 32**. Responderam a nosso chamado reflexões de diversos matizes e interesses, pois a exigência de se considerar a pós-verdade é uma excelente chance de refletirmos, de novo e sempre, acerca da velha verdade, tão maltratada nos tempos que correm. Assim, neste dossiê, apresentam-se artigos que vão desde a poesia clássica à contemporânea, passando pela do século XX, e da ficção oitocentista até a do século XXI.

E por falar em verdade, comemoramos, neste 2024, o 50º aniversário do 25 de abril, a Revolução dos Cravos, que deu fim a décadas de fascismo em Portugal. Para marcar e celebrar a efeméride, a **Abril 32** traz uma sessão dedicada a pensar, hoje, alguns sentidos que essa data, e essa revolução, podem produzir — justo hoje, o tempo da verdade triste. Marcando também a atualidade, o volume se encerra com resenhas de livros recentes, modo fecundo de receber o novo.

Diana Pimentel

Luís Maffei